

Racismo, Discriminação e Preconceitos: como trabalhar os conceitos?

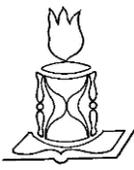
Autor: Matheus Nordon Preis

1º semestre/ 2017

Roteiro de Atividades Didáticas (7 ou mais aulas de 50 minutos)

Objetivo: Abordar o tema das relações raciais no Brasil; analisar o racismo histórica e sociologicamente; desnaturalizar a noção de raça; desenvolver os conceitos de estereótipo e estigma para procurar entender como o racismo é produzido e reproduzido de forma dispersa e mais sutil do que algumas compreensões de racismo de senso comum deixam a perceber.

Público: Alunos de 2º ou 3º ano do ensino médio, devido à necessidade de conter já alguma familiaridade com mecanismos lógicos comuns da sociologia no ensino médio, de desnaturalização, e de estabelecimento de relação entre as pequenas práticas e costumes e o todo, a organização da estrutura e da dinâmica social.



Aula 1: Debate sobre música “Mama África”, Chico César, 1995 (disponível em https://www.youtube.com/watch?v=oBdmw_4ljAw), acesso em: 14, jun., 2017).

Debate introdutório e aberto com os estudantes. O/a professor/a pode tocar a música uma ou duas vezes, antes de lançar uma pergunta sobre o significado da música. Não se espera que os estudantes reconheçam estruturas de pensamento racialistas como parte do seu próprio enquadramento e interpretação do mundo, mas que algumas das associações que fazem parte desse sistema de ideias possam surgir efetivamente, sendo estimuladas através do contato com a música, associações sem as quais qualquer discussão sobre e raça e sobre racismo se torna incompreensível.

Sugere-se que o/a professor/a pode assumir um papel provocador/a na discussão, lançando questões para que os alunos possam manifestar e desenvolver esse tipo de associação que fazem parte de uma formação subjetiva disseminada na sociedade brasileira.

Tendo em vista este objetivo, oferecemos algumas interpretações (sem a pretensão de fechar ou esgotar a riqueza de significados da obra) que podem auxiliar a mediação e problematização da discussão:

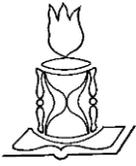
É interessante notar que a música não faz referência explícita em nenhum momento ao termo raça, ou a ideia de raça, nem encontramos os termos como “negro” ou “branco” no refrão. Mas a referência à “Mama África” geralmente nos remete diretamente à ideia de uma mulher negra. Outras duas referências à imagem estereotipada de uma mulher negra são mais sutis, o fato dela cuidar das crianças (que no Brasil pode ser interpretado não apenas como o trabalho de uma mãe que cuida dos próprios filhos, mas também de uma empregada doméstica que cuida dos filhos de outra família, geralmente branca); e o fato de trabalhar, ainda, como empacotadeira nas Casas Bahia, (uma ocupação profissional que pode se imaginar bastante precária dentro do universo ocupacional brasileiro – de postos de trabalho



geralmente reservados a pessoas negras, e que costuma implicar uma dupla jornada no caso de força de trabalho feminina, devido ao trabalho doméstico desigual entre homens e mulheres). Caberiam perguntas disparadoras do tipo “por que a imagem de pessoas negras vêm à nossa cabeça na letra da música?”, etc.

Além disso, uma segunda questão parece bastante interessante, e pode surgir das falas dos estudantes ou ser introduzida pelo/a professor/a, que diz respeito à dimensão histórica manipulada pelos versos de Chico César. A referência à África diz respeito à naturalidade das primeiras pessoas negras que viveram no Brasil, trazidas violentamente na condição de escravas para a realização do trabalho forçado por toda a sua vida e das gerações de descendentes, durante a escravidão (exceção feita às diversas experiências de revolta e resistência de negras e negros que construíram, por exemplo, comunidades livres em quilombos). Será que a referência à África se restringe a este momento histórico, a estes sujeitos africanos que viveram no Brasil? Ou uma ideia de origem e ancestralidade ainda marca a vivência de brasileiras e brasileiros negros? Se sim, em que sentido se dá essa marcação? É interessante procurar desassociar a escravidão (do passado) da negritude e identificação de uma “raça” negra que é realizada no presente. Afinal, abolida a escravidão, como estes esquemas ainda orientam a nossa percepção do mundo e das pessoas?

A Mama África ainda existe? A referência à Mama África que dá de mamadeira às crianças é capaz de atravessar toda a história brasileira, na sua figura pode-se enxergar vários Brasis, desde aquele Brasil colonial em que as amas de leite criaram as crianças brancas nas grandes propriedades, até a criação de quase toda as classes média e alta do presente, cuidadas por empregadas domésticas – quase sempre negras cuidando de brancos. As transformações (e permanências) da figura da “Mama África” nos permitem refletir a trajetória do país sob o prisma das relações raciais, de gênero e classe. Da mesma forma, o trabalho manual nas Casas Bahia pode ser interpretado ora como trabalho nas Casas-grandes da Bahia, maior centro



econômico do país durante muitos anos, marcado por grandes propriedades latifundiárias de exploração de trabalho escravo, ou nas grandes empresas capitalistas de trabalho assalariado do presente, simbolizado aqui pelas “Casas Bahia”. O reconhecimento dessas grandes estruturas históricas, mudanças e continuidades, pode ser um passo longo demais para o tratamento do tema numa aula inicial, mas pode também ser levantado pelos próprios estudantes, cabe à/o professor/a avaliar a pertinência e proveito a ser tirado da introdução ou desenvolvimento deste tipo de questão na aula inicial.

Aula 2 e 3*: O racismo científico do século XIX e início do século XX, e sua versão à brasileira.

** a depender de como fluir a discussão, podem ser reservadas ainda duas ou mais aulas adicionais para a atividade, a critério do(a) docente*

Recomenda-se à/o professor/a a realização de duas ou mais aulas expositivas (a depender do desenrolar da discussão em sala) sobre o racismo científico europeu do século XIX, e a recepção brasileira das teorias da supremacia ariana e da eugenia racial. O mais central, nesta exposição, é que se discuta o conceito de raça, conforme foi formulada pela ciência no século XIX e que ainda tem grande semelhança com as concepções de raça presentes em senso comum.

Para a abordagem das transformações sofridas pelas teorias de eugenia racial no Brasil recomenda-se a utilização do recurso ao quadro a seguir:

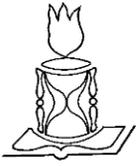


“A Redenção de Cam”, Modesto Brocos, 1895

A pintura mostra a ideia da possibilidade de progressão racial geracional da população brasileira através da miscigenação. Em que os negros se salvam (Cam se redime da maldição de Noé) pela aquisição de cônjuges brancos, gerando filhos que vão se aproximando do ideal branco através das décadas.

Para concluir essas exposições é interessante introduzir o conceito de democracia racial, justamente por se fundamentar na ideia (i) da não segregação marital entre grupos raciais fechados (elemento que deve ser problematizado nesta aula); e (ii) pela mobilidade social de “pessoas de cor” (assunto da próxima aula).

Em relação à interpretação de haver uma democracia racial (o que vai implicar na negação e ocultamento do racismo) sobre o fato de haver mestiçagem no Brasil, é importante a problematização em três sentidos (conforme texto teórico de



apoio): (i) que a possibilidade de progressão racial não acaba com as hierarquias raciais, muito pelo contrário, depende dela e a reforça; (ii) que a “mestiçagem” não implica necessariamente em relações sexuais livres e consentidas, muito pelo contrário, pode ser observada desde os tempos da escravidão como relação de violência sexual de homens brancos contra mulheres negras; (iii) que o fenômeno da mestiçagem é muito mais reduzido do que o conceito de “democracia racial” deixa transparecer, havendo grande discriminação (principalmente no polo dominante, branco) em relação aos relacionamentos inter-raciais, que ocorrem mais frequentemente entre pessoas menos distantes no gradiente de cor do que mais distantes.

Aula 4: Democracia racial, e raça e classe

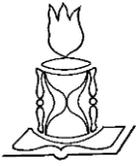
O/a professor/a pode continuar a discussão sobre a democracia racial, em que a desigualdade socioeconômica agregada entre brancos e negros foi justificada por uma espécie de resquício da desigualdade passada entre brancos e negros em relações de escravismo. Que tenderia, portanto, a desaparecer progressivamente, não havendo mais regras formais que impedissem pessoas negras de chegar a posições mais elevadas da estrutura social.

Para a problematização desta ideia sugerimos a divisão da sala em grupos de discussão e leitura de trecho de matéria publicada na Revista Veja sobre o caso de racismo que envolveu a filha do então governador do Espírito Santo em 1993, reproduzido a seguir:



A CINDERELA NEGRA

A estudante Ana Flávia Peçanha de Azeredo, negra, 19 anos, filha do governador do Espírito Santo, segurou a porta do elevador social de um edifício em Vitória enquanto se despedia de uma amiga. Em outro andar, alguém começou a esmurrar a porta do elevador. Ana Flávia decidiu então soltar a porta e, depois de conversar mais alguns instantes, chamou o outro elevador, o de serviço. Ao entrar nele, encontrou a empresária Teresina Stange, loira, olhos verdes, 40 anos, e o filho dela, Rodrigo, de 18 anos. [...] Segundo Ana Flávia contaria mais tarde, Teresina foi logo perguntando quem estava prendendo o elevador. ‘Ninguém’, respondeu a estudante. ‘Só demorei um pouquinho.’ A empresária não gostou da resposta e começou a gritar. ‘Você tem de aprender que quem manda no prédio são os moradores, preto e pobre aqui não tem vez’, avisou. ‘A senhora me respeite’ retrucou a filha do governador. Teresina gritou novamente: ‘Cale a boca. Você não passa de uma empregadinha.’ Ao chegar ao saguão, o rapaz também entrou na briga. ‘Se você falar mais alguma coisa, meto a mão na sua cara’, berrou. ‘Eu perguntei se eles me conheciam e insisti que me respeitassem’, conta Ana Flávia. Rodrigo ameaçou outra vez: ‘Cale a boca, cale a boca. Se você continuar falando meto a mão no meio de suas pernas’. Teresina segurou o braço da moça e Rodrigo deu-lhe um soco no lado esquerdo do rosto. [...] (Veja, 7 de julho de 1993)



O caso fornece um rico material para a explicitação de uma lógica distinta (por mais que combinada) da dominação racial e da dominação de classe, evidenciando que o racismo não pode ser reduzido a uma desigualdade socioeconômica, como deve ser discutido pelo/a professor/a em debate reunificado entre todos os grupos. Outros casos de racismo semelhante também podem ser trazidos por estudantes ou pelo/a professor/a para enriquecer a discussão da aula.

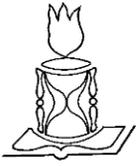
Aula 5: Discriminação e desigualdade racial

Para melhor desenvolver e demonstrar a lógica própria do racismo, como sistema que produz desigualdade entre grupos considerados racialmente distintos, o/a professor/a pode apresentar alguns dados quantitativos que mostram o tipo de espaços, situações e formas como a discriminação racial ocorre. Para isso indicamos a apresentação das tabelas apresentadas e analisadas no livro “Preconceito e Discriminação”¹ de Antonio Sérgio Guimarães, principalmente do capítulo 5, em que ele analisa os casos de racismos publicizados pela mídia no início da década de 1990.

Aula 6: Estigmatização

Indica-se à/o professor/a a realização de uma aula expositiva apresentando a discussão sobre os conceitos de estigmatização e estereótipos (conforme texto teórico de apoio), como um paradigma teórico central para a compreensão de como o racismo depende muito de sua operação difusa, que reforça sistematicamente papéis e lugares diferenciados (e subordinados) entre brancos e negros, prescrevendo –

1 GUIMARÃES, A. S. A. Preconceito e discriminação. São Paulo: Editora 34, 2a ed., 2004.



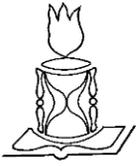
como uma imposição de fora, que depende de um reforço material de dominação de um grupo sobre outro – as chaces de vida dos estigmatizados.

Aula 7: Estereótipos e preconceito

A discriminação e a estigmatização se baseiam numa série de preconceitos e estereótipos sobre pessoas negras que fazem parte do imaginário comum da população brasileira e podem ser explicitados em sala de aula através de alguns estudos. Devido à violência que a explicitação desses valores racistas podem causar dentro da sala de aula, é importante que o/a professor/a avalie o grau de confiança e segurança que tem estabelecido com a sua turma e entre eles para a escolha de quais recursos didáticos utilizar nessa importante tarefa de tornar conscientes os padrões do racismo (passo importante para a sua problematização e enfrentamento). Sugere-se, aqui, os seguintes recursos:

1- Discussão do vídeo sobre apreciação estética, moral, e autoidentificação racial, por parte de crianças pequenas em relação a uma boneca negra e uma boneca branca. O estudo, realizado no Rio Grande do Sul, revelou que desde cedo as crianças (brancas e negras) são expostas aos valores da ideologia dominante racista, associando a boneca branca à beleza, e a negra à malvadeza, mesmo quando as crianças negras se identificam com a boneca negra. “Teste de Bonecas no Brasil”, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K3_b18h70kU>, acesso em: 14 de jun., 2017.

2- Apresentação e discussão do mapa de ofensas raciais no mercado de trabalho gaúcho realizado por Mello (2015 – conforme texto teórico de apoio), que apresenta as principais características mobilizadas para caracterizar a raça negra no momento da ofensa racista e da discriminação.



3- Apresentação e discussão das “piadas” e anedotas racistas levantadas por Seyferth (1995 – conforme texto teórico de apoio) ouvidas em Santa Catarina, das quais também pode se ter uma identificação bastante explícita e direta da violência racista.

Ao final da apresentação e discussão de um ou mais dos recursos didáticos sugeridos acima, sobre os estereótipos da raça encontrados no Brasil, recomenda-se à/o professor/a que relacione esses estereótipos e insultos raciais à teoria das raças defendida na ciência do século XIX que foi debatida nas aulas 2 e 3. A intenção de tal relação é que os estudantes sejam capazes de reconhecer o vínculo entre a ideia de “raça” e todo um sistema de reconhecimento e interpretação do mundo, que estabelece uma hierarquização das raças, sustenta práticas de discriminação e produz violência e desigualdades sociais. Pretende-se também que os estudantes sejam capazes de reconhecer como lógicas e estruturas mais gerais da sociedade se manifestam e reproduzem em atos aparentemente pequenos e isolados, mas que trazem consigo toda a força e a carga de uma história – que se repete e se recria – de dominação.

Avaliação: propõe-se que os estudantes busquem fontes (músicas, notícias, publicidades, filmes, relatos de cenas observadas ou ouvidas no cotidiano, etc.) que possam ser enquadradas dentro do fenômeno do racismo, explicando porquê e como aquele documento ou situação analisado se relaciona com (i) valores e (ii) dinâmicas racistas. Exige-se ainda que, para isso, os alunos desenvolvam o conceito de racismo trabalhado nas aulas, do ponto de vista de seus valores e de sua dinâmica.